

Memória descritiva

Paisagem. É um termo bonito, utilizado para descrever algo que, na minha opinião, é demasiado bonito para ser descrito. O mundo está repleto de lugares belos, de lindas e das mais variadas paisagens. Há beleza na geometria dos campos de cultivo pelos agricultores organizados. Há beleza nos locais onde a natureza instintivamente formou certos padrões. Há beleza nos sítios onde a natureza cresceu tão selvagem que poucos são os humanos que se atrevem a explorá-los. E em nós, seres vivos, que fazemos parte da paisagem, há beleza na harmonia dos nossos gestos e no convívio que por entre nós ocorre, mas esta cessa quando cresce dentro de alguns o sentimento de ganância e de sede pelo poder. É quando alguém afirma a sua superioridade perante outrem ou alguma espécie que o mundo se torna sombrio e desesperante. São gerados conflitos emocionais e conseqüentemente físicos. Num mundo que é de nós todos há quem sintam que merecem mais do que os outros, e, no meio disto tudo alguns acabam por ficar sem nada. Então, desde alianças instáveis, até aos mais imprevisíveis bombardeamentos há decisões que têm de ser tomadas e muitas vezes o mais acertado é ir em busca de um território mais calmo. Este período de transição para um novo território está carregado de diversas paisagens. A busca por um lar mais estável encarregar-se-á, certamente, de desvendar lugares que em tempos foram desconhecidos, e sendo o mundo um local rico em incríveis paisagens, este tempo de incertezas e inseguranças será passado a atravessar ou a sobrevoar lugares coloridos e brilhantes. Mas o ser humano é um ser complicado, pois mesmo que a paisagem acabe por influenciar o nosso estado de espírito, o mesmo não deixa de influenciar a própria maneira como sentimos uma determinada paisagem. Um dia de sol não é tão bonito se estivermos de coração partido. Assim, uma paisagem não será tão calorosa se estivermos a despedir-nos do que até então foi o nosso país de origem. Haverá sempre, na observação da realidade, um grito do nosso interior.

Memória descritiva

Pegando nesta ideia comecei a esboçar paisagens que conseguissem combinar a beleza da natureza que rodeia um exilado no momento de passagem para um novo território, com a intriga e a dor asfixiante do corte com as suas origens, criando assim uma paisagem na qual se espelhasse a expressão do interior de um refugiado.

Explorei a textura da barra de carvão vegetal através da invenção de formas contorcidas que representassem a solidão e a amargura de ser exilado, prestando atenção à forma como as poderia modelar e dar volume criando uma sensação de perspectiva e consequentemente de paisagem. Surgiram algumas propostas para serigrafia e decidi escolher a que tinha o fundo azul. Também pela sua forma, que fluía da maneira mais natural e orgânica, mas especialmente pela cor. Aqui o azul funciona como um fundo, ao contrário do vermelho que entra em colisão com as formas a carvão. É este fundo que transmite profundidade e deixa a forma ser protagonista.

Esta serigrafia acaba por representar um determinado momento da vida, o exílio de alguém, ou talvez a sensação de exílio em si. Enquanto paisagem, tem uma certa cronologia e ordem nos eventos. Há introdução, um começar de uma nova fase, de um novo processo de aprendizagem. Há continuidade e os eventos enrolam-se em complicação e densidade mas eventualmente a matéria vai-se estabilizando e chega a um lugar mais calmo, que se assemelha ao ponto de partida e acaba por ser uma visão mais amadurecida sobre o mesmo. No fundo a serigrafia conta a história de um tempo incerto.

Prova da série



Memória Descritiva

Esta gravura é também uma paisagem, mas em vez da tridimensionalidade produzida pelas formas, atenta mais, tanto no percurso que vai de um território físico para outro, como no caminho que é percorrido interiormente. É ao mesmo tempo um pormenor da paisagem completa. Um foco de tensão. Na narrativa da história que está a ser contada a gravura assume um papel mais momentâneo. Aparece no momento de maior tensão e dissonância, quase que para lhe dar ênfase. É um emaranhado complexo e confuso, de sentimentos, escolhas e caminhos que se entrelaçam num dado momento da vida e acabam por culminar num apogeu que consiste numa partícula da manta que é a serigrafia, sendo essa uma cronologia mais completa de todo este processo de exílio. Aqui entra novamente o azul como pano de fundo e, para o emaranhado de percursos, o vermelho protagoniza como um sentimento agressivo e sobressaltado que precisa de ser ouvido mas não pode.

Entre a serigrafia e a gravura pode ser estabelecida uma analogia com o mito das moiras pois estas teciam a vida de cada um de nós, comuns mortais estando uma delas encarregue pelo começo da vida, começando a tecer o fio da mesma, a segunda pelas complicações ou fortunas durante o desenvolvimento da vida, tendo total controlo da roda da fortuna, e a terceira pelo final da vida que se encarregaria de cortar o fio quando chegasse o momento. Aqui não é a vida do início ao fim, mas é um momento de exílio, de mudança e aprendizagem interior que é tecido pelo universo, criando uma manta composta por um tecido agitado e revoltoso que se ondulará ao sabor do tempo e do perdão.

Prova da série

